

Histórias femininas: memórias e experiências*

Mariza Corrêa e equipe

O projeto integrado *Histórias femininas: memórias e experiências* reconstituiu trajetórias femininas a partir de narrativas orais ou escritas. Enfocando experiências femininas através de memórias, e considerando os debates atuais acerca da "história das mulheres" e das relações de gênero, o projeto visa aprofundar, a partir do objeto empírico mulheres, o conhecimento da construção social da diferença sexual, explorando os limites da categoria analítica de gênero.

Tendo em vista os relatos que as personagens escolhidas teceram sobre si mesmas e/ou que foram tecidos em torno delas, este trabalho envereda por aspectos tão diversificados quanto a sexualidade, a educação, a produção artística e científica e as representações culturais. As pesquisas que integram o projeto, organizadas em torno de cinco eixos, tratam destes múltiplos aspectos, alguns deles pouco pesquisados na produção brasileira que toma "as mulheres" como objeto de estudo, e outros pouco desenvolvidos na perspectiva proposta pelo projeto. As diversas pesquisas são articuladas por um recorte temático e por um recorte epistemológico. O tema do projeto é a relação entre memórias e experiências. Seu recorte epistemoló-

gico situa-se no confronto entre os pressupostos que orientam algumas das recentes teorias de gênero e os que orientam as perspectivas teóricas centradas em sujeitos empíricos, mulheres.

Nos últimos 20 anos, pesquisas de várias disciplinas centrando-se em uma categoria – *mulher* – contribuíram para alargar o conhecimento sobre um universo até então não incorporado à reflexão científica. Elegendo esta categoria como substantiva, mesmo reconhecendo a multiplicidade do que se designava por "mulheres", constituiu-se uma teoria parcial, na medida em que mulher, enquanto categoria empírica, passou a ser utilizada como categoria analítica. Elaborou-se, assim, uma antropologia da mulher, uma história social das mulheres, uma sociologia da mulher e uma literatura feminina, onde certos conceitos e outras categorias também se particularizam: classes sociais e mulheres, identidade de mulheres, mulheres no privado e no público, trabalho das mulheres etc. Embora reconhecendo a importância deste conhecimento produzido, é difícil não se deparar com impasses, tais como o caráter de teoria parcial, que terminava por reduzir o horizonte compreensivo à categoria empírica, e o caráter identitário com que a categoria *mulher* era considerada, ao mesmo tempo em que enfrentava e pretendia recobrir uma pluralidade de outras categorias e mesmo de construções culturais e condições sociais diversas.

A opção pela categoria de gênero destaca os componentes históricos e sociais das identidades e das relações

* Projeto integrado de pesquisa financiado pelo CNPq e o FAEP e desenvolvido no Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) pelas pesquisadoras Suelly Kofes, Leila Mezan Algranti, Adriana Piscitelli, Carla Bassanezi, Susana Moreira, Karla Bessa e Arilda Inês Ribeiro, sob a coordenação de Mariza Corrêa.

baseadas nas concepções das diferenças sexuais. Em outras palavras, impede ignorar que os significados do masculino e do feminino e as relações entre os sexos possuem historicidade e são socialmente constituídos. As teorias de gênero oferecem alguns caminhos promissores, particularmente evidentes quando defrontadas com as perspectivas teóricas centradas nas "mulheres", em relação aos impasses acima mencionados: dissolve-se um objeto cristalizado: mulher; distingue-se a categoria analítica (gênero) da categoria empírica (mulher); dissolve-se o conceito de identidade, problematizado a partir do conceito de diferença, uma vez que o que está em jogo é uma multiplicidade de diferenças; a teoria deixa de ser parcial (isto é, formulada para apenas compreender ou explicar a situação das mulheres). Estas teorias apresentam, porém, alguns problemas. Entre as propostas teóricas que propõem o gênero como categoria analítica, a de Scott (1988) fornece ferramentas para abordar os modos como internamente os textos usam gênero como ponto de referência para construir significados e relações de poder em vários níveis e, ao interligar gênero e poder, chama a atenção para questões de desigualdade e opressão sexual. Esta abordagem, no entanto, após afirmar que um dos seus objetivos explícitos é destacar as mulheres como agentes históricos, apresenta problemas no que se refere à ação dos sujeitos, que parecem se diluir nas elaborações discursivas.

Os estudos sobre ou das mulheres e os estudos de gênero são contribuições relativamente recentes, particularmente no Brasil. Este projeto assume o desafio de discutir estas teorias, enfrentando impasses conceituais e metodológicos. Para este objetivo, consideramos importante incorporar ao conhecimento de gênero dimensões tais como a memória, que ao trabalhar com categorias e relações sociais interconecta passado

e presente, a ação social e, particularmente, os sujeitos concretos. Estes devem ser incorporados para não se correr o risco de restringir-se às elaborações discursivas (consideradas, em muitas análises, independentemente das individualidades concretas que atualizam, reformulam e recriam seus sentidos).

É esta perspectiva que leva o projeto a recortar os múltiplos aspectos articulados nos seus eixos de pesquisa e a focalizar a relação entre experiências e memórias, mulheres e gênero. É importante destacar que a experiência, pensada como algo que inter-relaciona ação social, situações e sujeitos, pode apontar junções e disjunções temporais, mudanças e continuidades, tradições e rupturas.

O eixo *experiências femininas no campo da educação* explora as experiências de "mulheres educadas", pedagogas e alunas, tomando como referência um colégio de Campinas destinado à educação feminina, o Colégio Florence, fundado em 1863. Partindo do levantamento de documentos escritos e fontes orais, a pesquisa contribui para a percepção da maneira pela qual se constroem e recriam os códigos culturais de gênero, assim como as transformações ocorridas nos padrões de educação e comportamento das mulheres de elite entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX.

O eixo *experiências femininas na produção científica e artística* resgata as memórias tecidas em torno das experiências de antropólogas e pintoras, em suas trajetórias de vida e em suas obras, nas primeiras décadas do século XX. A participação de pintoras como Georgina Moura de Andrade Albuquerque, Angelina Agostini e Haydéa Lopes Santiago, e de antropólogas como Heloisa Alberto Torres, Emilia Snethlage e Vanda Hanke foi, de modo geral, obscurecida na história da cultura brasileira. Trata-se de analisar as experiências dessas mulheres, examinando o estatuto que lhes foi

atribuído pelos contemporâneos e como as relações de gênero vigentes viabilizaram ou dificultaram sua participação no campo do saber e da arte.

O eixo *experiências de mulheres das "elites"* acompanha a trajetória de mulheres que viveram sua juventude nas primeiras décadas deste século. O foco centra-se em integrantes de famílias da "aristocracia" cafeeira paulista, das camadas altas paulistanas e campineiras e da "elite" de Goiás Velho. As biografias e memórias de septuagenárias e octogenárias e as narrativas tecidas em torno delas permitem recuperar imagens de suas vidas domésticas e em sociedade e discutir de que forma concepções e categorias de gênero se inscreviam nessas experiências.

O eixo *experiências afetivas e sexualidade* levanta, através do registro e análise de depoimentos orais, as maneiras como as práticas afetivas – flertes, namoro, sexualidade – e seus significados sociais foram vivenciados e problematizados pela geração que viveu sua juventude na década de 1950 e como são resgatados hoje pelo trabalho de memória das entrevistadas.

O eixo *experiências amorosas "transgressivas": os "crimes de sedu-*

ção" trabalha com experiências amorosas transgressivas e sua codificação pelo aparato judiciário durante as décadas de 50 e 60. Várias formas de comportamento afetivo-sexual foram consideradas criminosas segundo os parâmetros da justiça. A pesquisa reconstitui pontes entre o subjetivo (experiências vividas e memória) e a construção do gênero, com suas práticas permitidas e proibidas.

Os diversos aspectos recortados indicam alguns espaços significativos para a apreensão de experiências femininas. Todas as pesquisas têm como suporte fontes orais e escritas que permitem traçar a trajetória contextualizada das personagens e suas experiências. Com esta abordagem metodológica, as pesquisas centradas numa diversidade de experiências femininas permitem um registro importante do ponto de vista etnográfico e histórico. No entanto, compreendemos que, além deste registro, ao situar experiências de sujeitos, mulheres, estamos também tendo acesso a códigos nos quais estão inscritas as chamadas "concepções" e relações de gênero.

Referência bibliográfica

SCOTT, Joan Wallach. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1988.

Recebido para publicação em 15/04/94.